

AS DUAS EPISTEMES DE BALDUÍNO RAMBO

Aído Mellender de Araújo *

RESUMO

Este artigo trata da evolução dos seres vivos na obra de Balduino Rambo. Utilizando-se três fontes principais de informação, discute-se suas idéias a respeito do tema, seus preconceitos e incorreções, associados ao que se poderia denominar de epistemes criacionista e racionalista. A análise dos textos de Rambo indica uma possível progressão no sentido da episteme criacionista à medida que se chega aos escritos mais recentes (década de 1950).

Palavras-chave: epistemes criacionista e racionalista; evolução dos seres vivos; biologia no Rio Grande do Sul; biologia na primeira metade do século 20.

ABSTRACT

This article deals with the evolution of living beings in the work of Balduino Rambo. By using three main sources of information it is discussed his ideas, prejudices and mistakes, in association with what could be named creationist and rationalist epistemes. It is suggested that as one goes from older to his recent writings (decade of 1950) it seems to predominate the creationist episteme.

Key-words: creationist episteme; rationalist episteme; evolution of living beings; biology in Rio Grande do Sul; biology in first half 20th century.

INTRODUÇÃO

Dentre os nomes ligados à história da Botânica no Brasil insere-se o de Balduino Rambo, jesuíta, nascido em 11 de agosto de 1905, em Tupandi, então município de Montenegro, RS e falecido a 11 de setembro de 1961, em Porto Alegre (Rabuske, 1987). Sua obra mais conhecida junto ao público leigo é "A Fisionomia do Rio Grande do Sul", publicada na sua primeira edição em 1942 e que relata admiravelmente a vegetação, a fauna, a geologia do Rio Grande do Sul associadas ao que ele próprio

* Professor do Departamento de Genética, UFRGS. C. Postal 15053, 91501-970, Porto Alegre, RS. Endereço eletrônico: AMA@IF.UFRGS.BR

denominou de "significação antropogeográfica" dos diferentes componentes da paisagem deste Estado. À época do lançamento da segunda edição (1956), afirmou-se que "A Fisionomia" teria sido apontada por um grupo de intelectuais como uma das dez obras mais destacadas da cultura rio-grandense (Prefácio - Luis Gonzaga Jaeger). Seus trabalhos de Botânica são em grande número, tratando principalmente da Sistemática, bem como alguns sobre a origem da flora do Rio Grande do Sul. Surpreende, todavia, que em duas publicações extensas sobre a história das ciências no Brasil, respectivamente a editada por Fernando de Azevedo (1956) e a editada por Ferri e Motoyama (1979) conste apenas o nome de Balduino Rambo, sem maiores detalhes sobre o seu trabalho. Na verdade, os escritos deste jesuíta estão a merecer um exame aprofundado, pois sua produtividade em diferentes áreas foi extraordinária (poesia, cartas, textos científicos, textos de divulgação, etc.). O título de sua melhor biografia até o momento diz tudo: "Balduino Rambo, S.J. - Sacerdote, Naturalista, Escritor e Líder Popular" (Rabuske, 1987).

Neste artigo pretendo examinar alguns textos de Rambo sobre a teoria da evolução biológica, particularmente os publicados em 1939, e que fazem parte do livro "Elementos de História Natural"; os escritos (partes do diário pessoal) do período de 1944 a 1947 e publicados recentemente sob o título de "Em Busca da Grande Síntese" (Rambo, 1994 - editado por Arthur Rabuske) bem como outras partes do diário, publicadas por Arthur Rabuske e que se destinaram à discussão em um encontro de jesuítas (IV Encontro de Jesuítas Cientistas; "Os Desafios da Ciência", 1986). Finalmente, pretendo examinar um texto mimeografado, escrito por Rambo em 1957 e que foi utilizado para as suas aulas de Evolução.

Por que "duas epistemes"? Porque em Rambo coexistiam duas visões de natureza: uma, criacionista, segundo a qual todos os seres vivos foram criados por vontade divina. O Homem, ao descrever a natureza dá um testemunho da vontade do Criador, ao mesmo tempo em que reconhece-se como obra máxima daquela criação. A outra episteme, racionalista, fruto do seu treinamento científico, procurava explicar todos os fenômenos da natureza através de relações lógicas de causa e efeito. Todavia, é preciso reconhecer que a visão criacionista do mundo sempre predominou em Rambo; na minha interpretação, seus textos indicam que ele foi mais racionalista quando jovem.

Esta obra, destinada aos estudantes da 5ª série, está dividida em cinco partes, Zoologia (mais especificamente fisiologia humana), Botânica, Mineralogia, Geologia e História da Terra e da Vida. É esta última parte que interessa ao tema deste artigo.

"No mundo material, que temos diante dos nossos olhos, nada é constante e duradouro" (p. 255); assim começa o Capítulo 1 desta parte final do livro. O autor deixa implícito, sem dúvida, a mensagem de que há um outro mundo, não-material, onde devem coexistir, constância e eternidade. O reforço a esta mensagem implícita vem no início do parágrafo seguinte: "Nem a própria terra, que pisamos, escapa a este fluxo ininterrupto de tudo quanto é material e passageiro". Há, por outro lado, uma referência clara às mudanças ocorridas na estrutura da Terra ao longo do tempo e assim, à idéia de evolução. É admirável a profundidade e a atualidade do texto, levando-se em conta que se trata de livro destinado às crianças da 5ª série (ou, como está na própria contra-capa do livro, para o "5º ano seriado").

Ao tratar da "Evolução cósmica da Terra", ele a divide em quatro épocas, "astral", "planetária", "biológica" e "antropológica". Estas duas últimas, dada a importância para o texto presente, estão transcritas na íntegra a seguir:

- c). Época biológica. - Quando, há milênios inimaginavelmente numerosos, a temperatura baixara aquém de 100°, estabeleceu-se a possibilidade da existência de seres vivos sobre a face da terra, iniciando a fase biológica.
- d). Época antropológica. - Emergindo da luz bruxuleante da pré-história aparece, por fim, o homem, imprimindo o selo régio ao último dos períodos da terra. (p. 258)

Naturalmente que pela sua formação religiosa, a "época antropológica" é dada como objetivo final da criação, o "selo régio", como ele próprio diz.

O Capítulo 2 versa sobre "Os documentos da vida"; aqui Rambo descreve magnificamente os diferentes conceitos de fóssil e de fácies, até chegar ao capítulo seguinte onde passa a narrar o que ocorreu nas eras e períodos geológicos. Impressiona neste capítulo, mais uma vez, a atualização do autor em relação aos conhecimentos da época e, particularmente, quanto ao desenvolvimento das pesquisas paleontológicas no Brasil (cada período da cronologia geológica encerra-se com uma visão do que se tinha descoberto em solo brasileiro). Ao falar do Permiano no Brasil, por exemplo, Rambo menciona a

flora de *Glossopteris*, característica de quase todas as jazidas de carvão

do hemisfério austral, tanto do sul do Brasil, como do sul da África, Índia e mesmo de Japão. Por esta e outras razões admite-se que naquele tempo estes continentes formavam ainda um bloco único, ou ao menos se achavam ligados por pontes continentais ("terra de Gondwana") (p.276)

Aparentemente a teoria do bloco único, Gondwana, deveria conter um apelo favorável a Rambo. Esta possibilidade é interessante porque na década de 1930 a teoria da deriva continental, de Alfred Wegener, não era vista como importante ou mesmo como representando algo possível; na realidade, apenas na década de 1960 ela foi retomada, transformando-se no que hoje se conhece como teoria da "tectônica de placas" (Allègre, 1988). Sobre o Jurássico no Brasil, diz ele que "não se conhecem formações que com certeza se possam atribuir a este período" (p. 280). A comparação com o conteúdo de um texto publicado 50 anos depois é impressionante: "No Brasil, até o momento, não há uma única prova paleontológica segura da existência de sedimentos jurássicos" (Lima 1989, p. 49)

É todavia no conteúdo dos capítulos 4 e 5 que vamos encontrar a expressão de alguns dos conflitos epistêmicos de Balduino Rambo. O capítulo 4 trata de apresentar "A teoria da evolução dos seres vivos" e lá são abordados resumidamente o que ele chamou de "constantismo", como representando as idéias da imutabilidade das espécies e o "evolucionismo" como o oposto. Neste último faz-se referência, primeiro, às dificuldades impostas pelas descobertas paleontológicas à idéia de fixidez das espécies e em seguida menciona-se Lamarck e Darwin como opositores a estas concepções. A propósito de Darwin, ele é apresentado como "um dos homens de maiores conhecimentos naturais que jamais existiram, porém falto de critério filosófico" (p. 289). Ao discutir os "fatos que sugerem a evolução das plantas e dos animais", Rambo enumera os argumentos largamente utilizados em livros-texto de evolução até o final da década de 1960, ou seja, os argumentos paleontológico, da anatomia comparada, da embriologia e da biogeografia (uma obra recente, como a de Strickberger - 1996, os coloca no contexto histórico, enquanto outras não os mencionam mais).

Três são as teorias apresentadas por Rambo como tentando explicar a evolução biológica: a de Lamarck, a de Darwin e a de de Vries. Cada uma delas recebe uma crítica do autor; assim, em relação ao lamarckismo, por exemplo, ele diz:

A teoria de Lamarck, hoje universalmente abandonada, sofre duas dificuldades invencíveis: uma de ordem filosófica, outra de ordem experimental. Lamarck admite uma tal ou qual vontade dos seres vivos de se adaptarem às novas necessidades: contra isto se responde, que em primeiro lugar os seres vivos fora do homem não tem vontade, e em

segundo lugar, mesmo si a tivessem, de nada lhes valeria, para obter novas adaptações, o que se pode ver no homem, que por mera vontade não se adapta a novas condições. (p. 295)

Ao criticar Darwin ele é mais severo:

A teoria de Darwin (repetimo-lo novamente; falamos aqui só respectivamente as plantas e animais) repugna antes de tudo *filosoficamente*, pois põe o regime do cego acaso em lugar da finalidade, que em todos os seres da natureza se pode apalpar com as mãos. Si hoje em dia nenhum naturalista a admite em sua integridade e muitos a condenam sem restrição, geralmente não é por causa do erro filosófico, senão por erros *biológicos*. (p. 295)

Na crítica à teoria mutacionista de Hugo de Vries, ele dá novamente mostras de atualização no seu contexto histórico, ao citar Morgan e seus experimentos com *Drosophila* (recorde-se que Thomas Hunt Morgan recebeu o premio Nobel por suas descobertas sobre o papel dos cromossomos na transmissão dos caracteres hereditários em 1933, utilizando-se da *Drosophila* como material experimental). É oportuno enfatizar que Rambo mostra uma certa simpatia pela teoria mutacionista; diz ele, por exemplo, na página 296: “os fatos se multiplicam quasi diariamente, de maneira que a teoria das mutações, enquanto diz respeito a raças novas dentro da mesma espécie natural, passou ao inventário seguro da biologia”. Não apenas isto, mas nas duas páginas seguintes ele arrola mais pontos a favor do mutacionismo, não sem antes afirmar que: “As teorias de Darwin e Lamarck falharam” (p. 297). É justo, entretanto, destacar que Rambo não concedia todos os créditos ao mutacionismo, pois “todas as experiências provaram até agora só a origem repentina de *raças dentro da mesma espécie*” (p. 297, grifo original). Mais ainda, diz ele logo a seguir:

O mutacionismo explica a evolução? Não a explica, pois para tal os saltos deveriam ser bem mais ousados do que os que se observaram... *Sabemos agora ao certo, como se originaram as raças e variedades; talvez algum dia observemos também saltos maiores, que se prestem a explicação desejada do evolucionismo* (p. 297; grifo original).

Ao fazer um balanço final deste capítulo 4, ele conclui:

Recapitulando o que precede, tiramos as seguintes conclusões: a) É uma falta de espírito científico, afirmar que a evolução dos seres vivos é uma verdade provada. b) É desperdício de tempo, disputar, num livro escolar, sobre a evolução hipotética dos mamíferos, das aves e dos répteis, pois nem sabemos com certeza, si teve lugar ou não; e mesmo si o soubéssemos, faltar-nos-ia a chave explicativa. c) O conjunto dos fatos que sugerem a

evolução das plantas e dos animais dá grande probabilidade ao mutacionismo (p. 298).

O último capítulo do livro faz comentários sobre os "Caracteres gerais dos seres vivos. A vida"; compreende este capítulo, três pequenas partes, respectivamente, "Estudo comparativo dos minerais e dos seres vivos", "Estudo comparativo das células animais e vegetais" e "Estudo comparativo do homem e dos animais". O parágrafo final desta parte resume toda a bagagem ideológica de Rambo:

O homem reúne em si todos os reinos da natureza: o mineral, pela substância do seu organismo; o vegetal, pelo crescimento e desenvolvimento desde a infância até a idade adulta; o animal, pela sensibilidade e os órgãos dos sentidos: a coroa de tudo isto é a *alma espiritual*, que o levanta sôbre todos os outros reinos, comunicando-lhe a dignidade única (p. 301).

AS "CARTAS" DE 1944 - 1960

Este conjunto de documentos, o qual representa apenas uma parte do diário de Rambo, está publicado sob a forma de livro com o título "Em Busca da Grande Síntese", editado por Artur Rabuske (1994). É um material riquíssimo, cuja publicação representou um verdadeiro ato de coragem, pelo que representou Rambo na comunidade religiosa e como um professor em todos os níveis de ensino, dado o conteúdo das mesmas. Os temas tratados neste diário, como se fossem cartas enviadas a Deus, são diversos, desde questões doutrinárias, da formação dos religiosos, questões políticas e sociais, fantasias sexuais e, o que interessa aqui de modo particular, reflexões sobre a atividade científica e sobre evolução orgânica. Assim, a primeira destas cartas leva o título de "Pensamentos sobre Deus e sua Criação", tendo sido redigida provavelmente em fevereiro de 1944 (o título da carta é devido ao editor do livro, com o objetivo de dar uma sequência aos diferentes capítulos; sobre a data, em geral as demais especificam também o dia e o mes, mas não esta primeira). O segundo parágrafo é um desabafo:

À medida que me entretenho com a descrição das Ciências Naturais, experimento em mim mesmo uma espécie de esvaziamento da vida afetiva. Apodera-se de mim a sensação de que o ser cadavérico das plantas mortas se reflete em minha alma, como se minha vida interior assimilasse, mais e mais, o aspecto inanimado do meu cemitério de plantas. A ocupação constante com as descrições latinas apenas esquemáticas, geralmente áridas e inanimadas, projetam sua cor mortíça sobre a alma, tornando-a embotada, gélida e apática. (p. 13)
O gosto antigo pela poesia e a sensibilidade para a contemplação da

natureza, é verdade, não morreram em mim, mas recuaram para um espaço bem mais reduzido. (p. 14)

Como se verá adiante, este sentimento traduzia o modo como Rambo se dedicava as suas atividades científicas, principalmente como botânico; era uma atividade realizada com forte dose de emoção, com uma verdadeira paixão. Estados alternativos de júbilo e depressão não raro aparecem no conteúdo de tais cartas. Na falta de uma justificativa melhor ele talvez tenha preferido referir-se a sua idade: "Também não se pode negar a influência do fator idade. Se bem que, com apenas 39 anos de idade, não me considere, em absoluto, pessoa velha." É interessante comparar o parágrafo acima com um trecho da *Autobiografia* de Charles Darwin, quando este diz: "He dicho que en un aspecto mi mente ha cambiado durante los últimos veinte o treinta años. Hasta la edad de treinta, o algo más, muchos tipos de poesía tales como las obras de Milton, Gray, Byron, Wordsworth, Coleridge y Shelley me procuraban un gran placer, e incluso cuando colegial me deleitaba intensamente con la lectura de Shakespeare, especialmente en las obras históricas. También he dicho que antaño la pintura me gustaba bastante, y la música muchísimo. Pero desde hace muchos años no tengo paciencia para leer una línea de poesía;... También he perdido prácticamente mi afición por la pintura o la música." (páginas 85-86 da tradução espanhola, Alianza Editorial, Madrid, 1993).

Em texto de 24 de junho de 1945, Rambo aborda o problema geral da Criação:

Vigora na Tua Criação um sistema sumamente rígido, no qual, porém, se observa uma ordem que vai até os últimos pormenores. Bem considerado, este sistema e esta ordem se reduzem propriamente a simples variações e divagações no Teu plano e pensamento central. ...À primeira vista, a Tua Criação nem mesmo se apresenta como ordenada, mas como uma grande confusão: grande confusão o Teu firmamento estrelado, grande confusão o edifício dos reinos do ser, uma confusão muitas vezes horripilante o roteiro da Tua Providência na História da Humanidade. (p. 127)

Esta noção de "ordem" não é fácil de se entender; seria ela uma necessidade no contexto epistêmico por onde se movia Rambo? Seria um reflexo de sua formação científica clássica, para quem todas as "peças" do Universo encadeavam-se como um mecanismo de relógio? O final do parágrafo transcrito acima parece indicar que se tratava de algo conseqüente a da existência de um Criador onipotente (afinal, como este poderia criar algo que não fosse ordenado?). A "confusão" seria só na superfície, fruto de nossa ignorância; é o que parece testemunhar o trecho seguinte:

Nós cientistas, trazemos dentro de nós um certo pressentimento e um salutar temor face a toda esta confusão. Imprimiste em nós um resplendor do Teu próprio ser e por isso sabemos de antemão, que por trás dessa aparente balbúrdia reina uma maravilhosa harmonia. Mais ainda! Que é tarefa nossa perseguir as meadas deste sistema e explicar com transparência sua interligação. (p. 127)

Raríssimas vezes algum privilegiado dos nossos consegue abrir caminho para uma nova descoberta. Tais homens foram o não demasiado piedoso Darwin, com sua teoria da evolução, e Teu modesto servo Gregório Mendel, com suas leis hereditárias. (p. 128)

É oportuno que se registre aqui que em mais de uma passagem Rambo refere que a sua missão seria a de desvendar estes mistérios e apreender a totalidade da Criação. Na página 129, por exemplo, ele explicita: "Quem sabe, um dia talvez me será dado deitar um olhar de profundidade na ordem do Teu Universo? Sabes de minha luta para adquirir uma visão nova e mais exata nos edifícios dos reinos da vida."

O pensamento evolucionista de Balduino Rambo manifesta-se claramente em outra frase deste mesmo texto, onde ele discorre sobre a diversidade na obra da Criação:

...diferem Tuas ervas em seu talo, sua flor, seu fruto; divergem Teus animais em sua forma, sua adaptação, sua espécie. Uma diferenciação incrível reina em toda a parte nos traços fundamentais da Tua Criação. Com isso a variação não fica em absoluto esgotada. (p. 130)

Entretanto, a crítica forte quanto à interpretação desta variabilidade, dada pela maioria dos biólogos contemporâneos de Rambo, está registrada algumas páginas adiante:

Os Teus pesquisadores da Natureza ainda mais vezes incorrem no erro oposto (aqui Rambo refere-se ao fato dos pesquisadores não considerarem a obra da Criação como a de um Artista). Cada dia sentam na oficina das Tuas obras de arte, perseguem o desdobramento das Tuas obras de arte, do bloco tosco até a escultura acabada, colecionam e fixam com o olhar cada lasca que se desprende do Teu cinzel e compõem livros e mais livros sobre as leis do Teu labor artístico. Porém, por fixarem a sua atenção exclusiva no olhar e no medir e no pesar, sem que Te possam enxergar nem medir, nem pesar, dão de barato que nada sabem de ti. Preferem morder-se até cortar a língua e oferecê-la ao deus da burrice, isto é, ao *acaso* (itálico meu), a deixar que ao menos um pensamento seu se fixe no mundo da matéria. (p. 137)

É compreensível que a noção de acaso fosse rejeitada por um padre católico; afinal, como admitir acaso se todo o processo de criação está determinado pela vontade de um ser supremo cujo objetivo último é

gerar o Homem? Na realidade, o acaso aqui citado diz respeito à ação da seleção natural sobre a variabilidade; como já foi transcrito anteriormente, uma das críticas que ele fazia ao darwinismo expressava que : “repugna antes de tudo *filosoficamente*, pois põe o regime do cego acaso em lugar da finalidade...”

O conflito entre as duas epistemes pelas quais Rambo se orientava fica explícito em longo trecho (páginas 137 a 148) onde ele faz uma severa crítica aos teólogos; a parte final desta crítica diz:

A história de Galilei é uma vergonha para a Teologia em geral, vergonha que, por também se ter maculado o caráter de Galilei, se torna ainda maior. Vantagem nenhuma trouxe esta derrota. Logo que a Teoria da Evolução começou a fazer escola, a mesma história se repetiu. Em vez de se levantar a questão a que esfera de pesquisa pertence o corpo humano, aprouve aos teólogos tomar a seu encargo o problema e fulminá-lo com um decreto de condenação. Agora eu bem sei que visavam, em primeiro lugar, atingir a evolução do Homem todo a partir do reino animal. Neste sentido cabe-lhes a razão porque o espírito humano não se encaixa no reino da Ciência Natural. Segundo a sua essência, é objeto da Filosofia. Segundo a sua destinação sobrenatural, é objeto da Teologia. (p. 148)

Ainda na mesma longa carta de 24 de junho de 1945, Rambo reafirma a sua aceitação na teoria da evolução, ao dizer:

... Tu sabes que desde sempre aderi à Doutrina do Evolucionismo. Minha opinião sobre a origem do Homem também a conheces, mas ela não importa muito no curso das idéias que seguem. Não sou partidário da Evolução por espírito sectário, porque todo fanatismo é para mim abominação diabólica. ...a crescente possibilidade das provas me faz parecer mais aceitável o Evolucionismo do que a opinião contrária: mais aceitável é dizer pouco: eu a considero como cientificamente certa. (p. 168)

Com o objetivo de reforçar esta sua posição e também de reduzir o impacto da teoria evolucionista quando confrontada com a hipótese da criação, ele lança mão de uma afirmativa atribuída a Darwin, ao escrever, na mesma página: “Até mesmo Darwin teve esta intuição, ao afirmar que a evolução de um ser vivo de outro modo não só não contradiz a Tua sabedoria, mas demonstra até uma maneira mais perfeita da mesma”. Aqui, provavelmente, Rambo está a se referir a um dos últimos parágrafos da *Origem das Espécies*, quando Darwin afirma:

Dentro de meu modo de pensar, concorda melhor com o que sabemos das leis legadas à matéria pelo Criador que a produção e a extinção dos habitantes antigos e atuais sejam devidas a causas secundárias, como as que determinam o nascimento e a morte de cada indivíduo. Quando

encaro todos os seres não como criações especiais, mas como descendentes lineares de uns poucos seres que viveram bem antes que se depositasse a primeira camada da Era Siluriana, a mim parece que tais seres saem engrandecidos, ganham nobreza com este posicionamento. (p. 351 da tradução da primeira edição - Villa Rica Editora Reunidas Ltda., Belo Horizonte, 1994).

Em partes do diário escritas na década de 1950, Rambo parece mais áspero em relação ao evolucionismo; por exemplo, em 25 de julho de 1955, assim ele se expressa (os comentários e transcrições que seguem, baseiam-se na tradução de Artur Rabuske e publicadas para discussão no IV Encontro de Jesuítas Cientistas, 1986):

Deves considerar, com inteira seriedade, que fiz um plano que, francamente, me parece importante para o Reino de Deus. Vê como ali estão os neo-darwinistas e outros espíritos 'maléficos' semelhantes, ora tendo a faca e o queijo na mão! Acham eles que descobriram o ovo de Colombo, querendo explicar todas as coisas de forma apenas mecanicista, 'causalmente', como dizem com tanta poesia... (p. 29)

A grande heresia dos últimos cem (!) anos - algo assim como a grande meretriz do Apocalipse - tem sido a Ciência Natural atéia, que inebria os reis no império da pesquisa com o vinho de sua fornicação! ... A peça central de todo esse reino de meretrício vem a ser a frase: 'Tudo evolui de acordo com uma pura lei material' (p. 30)

A fraude evolucionista: eis a grande heresia do nosso tempo (p. 31)

Prosseguindo neste tom, o diário de 11 de setembro de 1956 rejubila-se com críticas ao neo-darwinismo que Rambo havia publicado em trabalho recente:

O mundo tem pertencido aos frondistas ('Frondeure'), piratas e filibusteiros do espírito. Esta impressão avassaladora se apoderou de mim, quando hoje verifiquei junto ao Smith o aparecimento longamente esperado do anuário do Pe. Reitz e nele folheei o meu trabalho sobre a Selva Higrófila ('Regenwald') do Alto Uruguai, no RGS. Em seu teor e conteúdo eu declaro uma guerra de arrojo nítido ao neo-darwinismo. Coloco-me no ponto de vista de que toda a questão deva examinar-se de acordo com o desenvolvimento temporal (histórico!) dos seres vivos desde o aspecto meramente histórico, guardando plena independência de qualquer opinião ou hipótese preconcebida (p. 62)

"A TEORIA DA EVOLUÇÃO" (1957)

Com este título Rambo expõe em 18 páginas datilografadas e mimeografadas o conteúdo resumido dos argumentos a favor da

evolução (paleontológico, da anatomia comparada, da ontogenia e da biogeografia) e das teorias que procuram explicá-la (Lamarck, Darwin, mutacionismo e ortogênese). As últimas dez páginas deste texto ele as consagra ao estudo da evolução humana, certamente o tema mais caro e difícil para um sacerdote.

Há um aspecto inicial que representa um equívoco de Rambo: este é o do conceito de evolução. Mesmo admitindo-se uma definição de evolução "em termos simples", como ele diz, como sendo "a transformação de uma espécie viva em outra", fica difícil aceitar um conceito que omite todo o fenômeno da adaptação. Interpreto esta falha como devido à dificuldade que Balduino Rambo tinha em aceitar a totalidade da evolução, ainda que racionalmente se declarasse adepto da teoria. Analogamente, quando ele passa a examinar os argumentos do evolucionismo, ele deixa passar um novo equívoco ao afirmar, em relação à "prova" da anatomia comparada, que:

O estudo de um e o mesmo conjunto funcional por exemplo, do aparelho circulatório, num determinado grupo de animais, por exemplo dos vertebrados, demonstra estruturas relativamente simples nos mais antigos (peixes), e termina por aparelhos maravilhosamente complicados e perfeitos (mamíferos). (p. 3)

Evidentemente que o aparelho circulatório dos mamíferos não é mais "perfeito" do que o dos peixes; a idéia que está por trás daquela afirmação é a da Grande Cadeia dos Seres, do simples ao complexo, do menos perfeito ao mais perfeito. Como salienta Futuyama (1992): "Esta 'escada da vida' percebida na gradação entre a matéria inanimada passando pelas plantas, animais 'inferiores' e humanos, até os anjos e outros seres espirituais, deve ser perfeita e não apresentar lacunas" (pág. 3). Apenas para exemplificar, pode-se citar uma opinião recente de um paleontólogo sobre a questão do que é "primitivo" e "avançado", mal adaptado ou bem adaptado; Radinsky (1987) ao referir-se à evolução dos ostracodermes (peixes ancestrais, não mandibulados, que viveram a cerca de 200 milhões de anos atrás), diz: "...they existed for at least 150 million years, and for the last 50 million of this span they coexisted with a great variety of jawed fishes that were better swimmers and had access to a greater variety of food resources. Thus we really cannot think of the ostracoderms as biologically inferior types." (p. 40)

Naturalmente que Rambo, utilizando os referenciais de sua formação religiosa, considerasse que um mamífero seria mais bem adaptado do que um peixe e, dentre os mamíferos, obviamente, os humanos representariam o "ápice" da evolução (esta concepção está presente em mais de um momento no seu diário e inclusive no texto ora em exame).

Na "Crítica dos Argumentos" (p. 4), Rambo enfatiza sobremaneira o argumento biogeográfico; segundo ele, "se um dia chegarmos a uma elucidação do desdobramento da vida nos espaços e no tempo, será principalmente por argumentos tirados da biogeografia". Não se pode concordar com esta ênfase e a consequente subestimativa dos demais argumentos; na realidade, cada um dos argumentos reforça a idéia do parentesco entre os seres vivos (além de outros que se poderia adicionar atualmente, como o relativo à similaridade nas cadeias metabólicas entre todos os seres vivos, na generalidade do código genético, etc.).

Na apresentação das teorias explicativas da evolução, Rambo discute as três que já mencionara no texto de 1939 (comentado na primeira parte deste artigo), mais a ortogênese (esta última foi uma teoria em voga ao final do século XIX e início do século XX, segundo a qual a evolução estava orientada linearmente, no sentido do melhor ou perfeito, devido a razões "internas" dos organismos e não à seleção natural - Bowler, 1989). Sua crítica ao darwinismo é muito elementar e ao expor o mutacionismo ele o associa ao "neo-darwinismo" (o que já naquele ano de 1957 era bem conhecido também como "teoria sintética da evolução"). Percebe-se, pelo texto, que ele tinha algumas informações gerais sobre esta teoria, mas provavelmente a conhecia apenas na superfície. Assim, ele menciona o "expoente máximo da genética 'drosophiliana'" (há erros de grafia no texto original) como Theodosius Dobzhansky, incluindo seu "discípulo riograndense Antonio Cordeiro, que a transplantou para a Universidade de Porto Alegre" (p. 6). Na página 7, ainda falando sobre o mutacionismo, misturado ao neo-darwinismo, ele cita "os edifícios engenhosos da matemática que Sewall Wright e outros construíram". Sem dúvida que ele ignorava, ou desejava ignorar, a grande contribuição dos arquitetos da síntese moderna, apesar de citá-los. Sobre Sewall Wright, por exemplo, ele diz que os argumentos (modelos matemáticos) deste "valem tanto, quanto vale seu fundamento incerto, a seleção".

Um outro exemplo de que Rambo possuía informações sobre o estado da arte da época pode ser visto nas considerações que ele faz sobre macroevolução (sem, entretanto, usar este nome), como extensão dos processos microevolutivos. Como se sabe, este continua sendo um problema muito discutido; de modo similar, sua menção às "macro-mutações" e aos "hopeful monsters" de Goldschmidt o inserem em um contexto tão atual para a época como ainda hoje (para uma revisão recente sobre as contribuições deste último autor, veja-se Dietrich, 1995).

Nas dez páginas finais da "apostila" sobre a Teoria da Evolução, Rambo se detém na evolução humana. É lá, possivelmente, que ele se mostra mais contraditório; é lá que ele lança os mais fortes ataques ao

evolucionismo; é lá que ele se mostra um ingênuo ou, dito de outro modo, um idealista. Vejamos o seguinte trecho:

Por outro lado, não se podendo negar foros de verdadeira probabilidade ao transformismo quanto às plantas e aos animais e pertencendo o homem, na sua parte física, ao mesmo reino material, a ciência tem o direito, ou ainda o dever, de levantar a questão do transformismo na nossa espécie. Neste particular, porém, é indispensável proceder com suma cautela e seriedade científica; o que decide, são os fatos, (grifo original) não as especulações. (pp. 8-9)

A propósito de tais fatos, Rambo apresenta a seguir os dois que considera fundamentais: o fato dito "metafísico" e o fato "físico". Ao primeiro atribui-se a existência de um espírito o qual não poderia derivar de seres que não o possuíam. Segundo Rambo,

O espírito, quer o materialismo biológico o admita ou não, é uma realidade substancialmente diversa da matéria. Não existe nos animais nem como germen; ora, o que nem em germen existe nos supostos ancestrais não pode, por evolução, aparecer nos descendentes. (p. 9)

Não posso deixar de recordar aqui uma opinião diametralmente oposta a esta, na sequência de três livros publicados pelo biólogo do comportamento Donald R. Griffin: o primeiro, de 1976, intitulado "The Question of Animal Awareness", com o subtítulo "Evolutionary Continuity of Mental Experience"; o segundo, com um título um pouco mais provocativo, "Animal Thinking" (1984) e o terceiro, de 1992, com o sugestivo título de "Animal Minds". É, por exemplo, no Prefácio deste último livro que Griffin colide com Rambo: "Furthermore, animals often behave in such a versatile manner that it seems much more likely than not that they experience simple conscious thoughts about their activities, even when these are not expressed by specific communicative signals that we can recognize" (p. ix).

Ao tratar dos "fatos físicos", Rambo analisa algumas linhas de evidência da semelhança (na realidade ele procura enfatizar as diferenças) entre os humanos e demais primatas a partir da anatomia comparada. A conformação do crânio e face recebe alguns comentários de Rambo, com destaque para a existência do "queixo" nos humanos e sua ausência nos símios. Seu argumento tropeça, todavia, nos neandertais:

A bem da verdade, porém, se deve mencionar, que as raças fósseis humanas mais antigas, testemunhadas pela mandíbula de Mauer e os numerosos crânios do homem de Neanderthal, não tem queixo. Embora a região respectiva da mandíbula inferior seja ainda muito diferente da

dos símios, o certo é que o rosto destes antigos caçadores de ursos e mamutes tem uma expressão assás estranha para o nosso gosto. Os evolucionistas usam e abusam deste e de outros fatos para a sua teoria. (pp. 10-11)

O mesmo problema aparece na discussão dos “arcos supra-orbitais”; o lamento de Rambo assim se expressa:

Novamente é preciso, a bem da honestidade científica, conceder que o neandertalense possui respeitáveis arcos supra-orbitais, acrescentando assim para o gáudio evolucionista, outro traço animalesco à sua fisionomia. (p.11)

Seus preconceitos quanto aos parentes próximos do homem afloram quando ele trata da “voz articulada”:

É outro caráter exclusivamente humano. Curiosamente, a estrutura anatômica do órgão vocal dos símios difere muito pouco da do homem; nada impediria o macaco de formar palavras articuladas, embora sua tonalidade fosse diferente da nossa. A última razão porque o símio só assobia, grita, ruga, mas não fala, é porque, falto de inteligência, nada tem para dizer. (p. 12)

Ainda preconceituosa é a sua afirmação sobre as condições climáticas favoráveis aos humanos, quando ele diz: “O clima mais conveniente ao homem é o temperado e o subtropical; os símios são todos tropicais.” (p. 12). Esta é, sem dúvida, uma afirmação cheia de preconceitos, de incorreções sob o ponto de vista biológico e até paradoxal, vinda de alguém com conhecimentos de biogeografia e conhecedor das comunidades vegetais, adaptadas a diferentes regimes climáticos.

Se, como foi registrado em outro ponto deste artigo, Rambo se mostrasse conhecedor do “estado da arte” em biologia evolutiva, aqui, ao tratar da evolução humana, ele se mostra ignorante ou, pelo menos, omite descobertas contemporâneas. O que pensar, por exemplo, desta passagem onde ele discute a questão da inteligência:

Toda a humanidade, ainda os tipos mais antigos, como o homem de Pequim e o Neandertalense, fabrica instrumentos. Nunca se descobriu um grupo humano, por mais primitivo e bárbaro que fosse, que não possuísse instrumentos, a técnica de produzir o fogo, de fabricar armas de caça, de defesa e de ataque. (p. 12)

Indiretamente, também o andar ereto (grifo original) é consequência do intelecto. (p. 13)

Duas descobertas fundamentais que contradizem estas afirmações ocorreram no seu tempo: a do *Australopithecus africanus*, em 1925,

redescrito posteriormente em 1936, 1937, 1948 com denominações diferentes e a descoberta do *Australopithecus robustus*, em 1938 (redescrito em 1949, 1950). Ambas as espécies tinham andar ereto, mas não há qualquer registro do uso de utensílios. Em relação ao primeiro, ele apenas refere, na página 15, "os numerosos restos ultimamente exumados na África do Sul". Mesmo se considerarmos o gênero *Homo*, em particular a espécie mais antiga, *H. habilis* o uso do fogo não está estabelecido. Outro aspecto que chama a atenção do leitor é a total omissão ao nome de Teilhard de Chardin, o descobridor do "homem de Pequim" (*Homo erectus*), referido em mais de uma passagem no texto. Ora, Teilhard era um jesuíta como Rambo e publicara em 1948 uma de suas obras mais polêmicas, "Le Phénomène Humain"; antes daquela data já circulavam textos que fariam parte do livro. Ao final da década de 30 Teilhard já era conhecido por suas idéias a respeito da evolução humana. É difícil, para não dizer impossível, que Rambo não conhecesse ao menos parte da obra dele; há, no entanto, um silêncio total sobre aquele pesquisador.

Para finalizar, o conflito entre as duas epistemes de Rambo está claramente expresso na seguinte passagem, quase ao término da sua apostila:

A atitude visceralmente anticristã e atéia do evolucionismo, especialmente do tipo haeckeliano, está mais clara do que a luz meridiana do sol. Isto se refere não só ao objeto crucial, o homem, mas ainda a toda a teoria geral, dominada pelo afã de mostrar, que Deus é supérfluo para explicar a multiplicidade e a ordem na natureza. Nos nossos dias, tal atitude atéia conservou toda a sua combatividade na Rússia e suas dependências políticas ou ideológicas; no ocidente, o cristianismo, para boa parte dos evolucionistas, já se sumiu abaixo do horizonte visual: não se ataca diretamente, supõe-se praticamente morto. O evolucionismo é muito mais do que uma teoria limitada à origem das espécies, é uma concepção do mundo e uma filosofia da vida. (p. 17)

É curioso especular sobre como Balduino Rambo teria reagido à leitura de um livro como "La Evolución", publicada em Madrid, em 1966, portanto poucos anos após a sua morte (esta obra, indicada na Bibliografia, faz parte de um conjunto chamado "Biblioteca de Autores Cristãos", editada por Editorial Católica S.A., Madrid). Neste livro se discute fartamente a questão da evolução em geral e da humana em particular, bem como suas implicações filosóficas e religiosas. Toda a resistência em admitir a evolução da nossa espécie como similar a de qualquer outro ser vivo, quanto a padrões e processos, dissipava-se. Permaneceria, no entanto, a crença na geração de uma alma, única, em algum momento do passado remoto.

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar meus sinceros agradecimentos ao Pe. Arthur Rabuske por sua disponibilidade e paciência em conceder-me duas entrevistas sobre Rambo; além disto ele me forneceu importante material quanto a textos inéditos daquele autor. Quero agradecer também a Daisy Lara de Oliveira pela revisão crítica deste artigo e por valiosas sugestões para melhorá-lo.

BIBLIOGRAFIA

- ALLÈGRE, C.. **A Espuma da Terra**. Gradiva Edições. Lisboa, 1988. 399 p.
- AZEVEDO, F.. **As Ciências no Brasil** (2 vols.). Edições Melhoramentos, São Paulo. 1956.
- CRUSAFONT, M.; MELENDEZ, B. e AGUIRRE, S.I.. **La Evolución**. La Editorial Católica S.A. Madrid. 1966. 1014 p.
- DARWIN, C.. **Autobiografia**. Alianza Editorial. Madrid. (tradução do capítulo 2 da obra de Francis Darwin "The Life of Darwin", 1902). 1993. 93 p.
- DARWIN, C.. **Origem das Espécies**. Vila Rica Editoras Reunidas. 1994. Belo Horizonte (tradução da primeira edição, 1859). 352 p.
- DIETRICH, M.R.. Richard Goldschmidt's "Heresies" and the Evolutionary Synthesis. *Journal of the History of Biology* 28(3): 431-461. 1995.
- FERRI, M.G. e MOTOYAMA, S.. **História das Ciências no Brasil** (3 vols.). Editora Pedagógica Universitária, USP. São Paulo. 1979.
- FUTUYMA, D.J.. **Biologia Evolutiva**. Edição da Sociedade Brasileira de Genética. Ribeirão Preto, SP. (tradução da segunda edição, 1986). 1992. 631 p.
- GRIFFIN, D.R.. **Animal Minds**. The Univ. of Chicago Press. Chicago. 1992. 310 p.
- LIMA, M.R.. **Fósseis do Brasil**. T.A. Queiroz Ed., USP. São Paulo. 1989. 118 p.
- RABUSKE, A.. Balduino Rambo, S.J. Sacerdote, Naturalista, Escritor e Líder Popular. *Pesquisas (História)* 26: 1 - 117. 1987.
- RADINSKY, L.B.. **The Evolution of Vertebrate Design**. The Univ. of Chicago Press. Chicago. 1987. 188 p.
- RAMBO, B.. **Elementos de História Natural**. Livraria do Globo. Porto Alegre. 1939. 301 p.
- RAMBO, B.. **A Fisionomia do Rio Grande do Sul**. Livraria Selbach. Porto Alegre. 1956. 456 p.
- RAMBO, B.. **Em Busca da Grande Síntese**. (Editado por Arthur Rabuske). UNISINOS, São Leopoldo. 1994. 404 p.
- STRICKBERGER, M.W.. **Evolution**. Jones & Bartlett Publishers. Boston. 1996. 670 p.